

1485

PSICOLOGIA
DO
DESENHO INFANTIL

BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA
 SOB A DIREÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO
 SERIE III — ATUALIDADES PEDAGOGICAS

VOLUMES PUBLICADOS:



	Vol. Br
I — Fernando de Azevedo — NOVOS CAMINHOS E NOVOS FINS — A nova Política de Educação no Brasil — 2.a edição	7\$000
II — John Dewey — COMO PENSAMOS — Tradução de Godofredo Rangel	6\$000
III — Anísio Teixeira — EDUCAÇÃO PROGRESSIVA — Uma introdução á Filosofia da Educação — 2.a edição	6\$000
IV — Ed. Claparède — A EDUCAÇÃO FUNCIONAL — Trad. e Notas de Jayme Grabois	7\$000
V — Afranio Peixoto — NOÇÕES DE HISTORIA DA EDUCAÇÃO — (Edição ilustrada)	8\$000
VI — C. Delgado de Carvalho — SOCIOLOGIA EDUCACIONAL.	10\$000
VII — Artur Ramos — EDUCAÇÃO E PSICANALISE	6\$000
VIII — Adalbert Czerny — O MEDICO E A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA — Tradução dos drs. Martinho da Rocha e José M. da Rocha	7\$000
IX — A. Almeida Junior — A ESCOLA PITORESCA	7\$000
X — Celso Kelly — EDUCAÇÃO SOCIAL — Os grandes problemas de Educação	7\$000
XI — Henri Piéron — PSICOLOGIA DO COMPORTAMENTO — Tradução e notas de J. B. Damasco Penna	10\$000
XII — Henri Wallon — PRINCIPIOS DE PSICOLOGIA APLICADA — Tradução de Caldeira Filho	10\$000
XIII — Djacir Menezes — DICCIONARIO PSICO-PEDAGOGICO	8\$000

VOLUMES ENCADERNADOS, MAIS 3\$000

EDIÇÕES DA
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
 SÃO PAULO

BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

SERIE III ATUALIDADES PEDAGOGICAS VOL. XIV

SYLVIO RABELLO

PSICOLOGIA
DO
DESENHO INFANTIL

568
EDIÇÃO ILUSTRADA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA EDUCACIONAL



— BIBLIOTECA —



1935

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DOS GUSMÕES, 24-A/30 — SÃO PAULO

BF723.D7

R114p

e.1

831
e.1

DO MESMO AUTOR

A REPRESENTAÇÃO DO TEMPO NA CRIANÇA.
(No prélo).

54.3

74

R114p

PREFÁCIO

O ensaio que se segue é uma pequena contribuição para o estudo psicológico da criança brasileira, tão descuidado entre nós, apesar de ser a criança objeto dominante da atenção de psicologistas estrangeiros.

Poder-se-á dizer que de certo tempo a esta parte, em varios pontos do país, já se aprecia o prenuncio de um movimento em torno da criança, sob aspectos varios. Mas raros são os estudos apoiados em material colhido em suas fontes originais. Não ha muito, numa resenha acêrca do movimento universal da psicologia, E. Claparède escrevia apenas meia duzia de palavras sôbre a contribuição fornecida pelo Brasil nesse dominio.

Com o presente estudo — *Psicologia do Desenho Infantil* — publicado parcialmente em revista, apresentamos aos interessados pela educação o necessario esclarecimento de certos aspectos da fisionomia mental da criança brasileira. E' o resultado de pesquisas procedidas nos meios escolares e extra-escolares do Recife. O nosso primeiro trabalho sobre o desenho in-

infantil — “*Aplicação dos testes decrolianos de desenho*” — foi um ensaio de determinação da aptidão para esse género de expressão. Reproduzimos a prova de Decroly, já aplicada por Faria de Vasconcelos entre os alunos portugueses.

As coleções colhidas por ocasião daquela investigação forneceram-nos igualmente material para o estudo das características do desenho através das idades, e, à maneira de Ballard, apurámos os motivos que as crianças costumam freqüentemente desenhar com espontaneidade.

Pesquisas que estamos realizando, por meio de provas várias, permitirão o estabelecimento de outros aspectos globais da conduta infantil. Teremos, então, concorrido, na medida de nossas possibilidades, para a determinação da mentalidade das nossas crianças em seus caracteres particulares e qualidades diferenciais.

Junho de 1934

Sylvio Rabello

“Le dessin enfantin donne lieu à des comparaisons d'un grand intérêt. D'une part, considéré comme témoignant d'une certaine conception plus ou moins explicite du rôle du dessin figuré, il pourrait être rapproché de manifestations analogues de l'art préhistorique, de l'art sauvage et d'époques archaïques de l'art antique et moderne, et rentrerait avec elles dans un genre plus vaste, qu'on pourrait appeler le dessin primitif.”

“Mais d'autre part le dessin enfantin, en tant que manifestation de l'activité de l'enfant, permet de pénétrer sa psychologie, et par suite de déterminer en quoi elle ressemble à celle de l'adulte et par où elle en diffère.”

G. H. Luquet

(Le dessin enfantin)

INDICE

	Pág.
CAPITULO I — O desenho como meio de pesquisa A fisionomia mental da criança através da linguagem e do desenho. A significação e a direção do pensamento infantil. Como surpreender a criança em toda a sua espontaneidade. O interesse atual pelo estudo do desenho como instrumento de orientação profissional e como meio de investigação da psiquê infantil. Opinião de Luquet — A vida mental estudada no seu momento inicial	11
CAPITULO II — Os pesquisadores do desenho infantil Deve-se aos psicólogos o movimento em torno do desenho infantil. Os velhos e os novos estudos. De Corrado Ricci aos psicanalistas. As manifestações artísticas entre os primitivos; as diferenças entre os sexos; a determinação da aptidão para o desenho; os caracteres raciais; a evolução da mentalidade infantil; o desenho elevado á categoria de metodo psicologico; o valor psicanalitico do desenho infantil.	19
CAPITULO III — Os métodos empregados no estudo do desenho infantil. O desenho como medida da aptidão e como instrumento de sondagem da mentalidade infantil. O método estatístico e o biografico. Coleções e inqueritos; sua tecnica. Resultados do estudo de desenhos colhidos em massa. A orientação biografica seguida por Luquet e Rouma. Os dados estáticos e os dinamicos	27
CAPITULO IV — A orientação dêste estudo. Por que preferimos o metodo estatístico; as suas vantagens. A espontaneidade do desenho infantil e a direção da mentalidade infantil. Como Decroly evita a influência de aprendizado nos seus testes de desenho. A extensão da nossa pesquisa	35

- CAPITULO V — A prova de Decroly. Os testes de Decroly. O critério de apuração dos resultados. As instruções necessárias á aplicação da prova. Os desenhos indecisos e as garatujas. A sugestão do ambiente: os desenhos representando o Zeppelin 43
- CAPITULO VI — Resultados por idade. As curvas obtidas em cada idade por teste. Como as garatujas têm grande freqüência aos 3 anos. A persistência da 1.ª fase em todas as idades. A fraca percentagem das ultimas fases 53
- CAPITULO VII — Freqüência das fases e níveis de aptidão A freqüência das diferentes etapas através das idades. A 3.ª fase quando não se fez representar. Os níveis de aptidão segundo Decroly e Faria de Vasconcelos. Os nossos resultados segundo o critério de Decroly. Quadro geral. A grande dispersão que obtivemos 59
- CAPITULO VIII — Considerações sobre a aptidão para o desenho. A inferioridade das crianças pernambucanas em relação ás belgas e ás portuguezas. A razão dessa inferioridade. Antiga e nova concepção de aptidão. A educabilidade das aptidões. O habito de desenhar e a situação de nossos alunos. O valor diagnostico dos testes decrolianos. As aptidões em face das modernas correntes psicologicas: Stern, Wallon, Adler. 89
- CAPITULO IX — Os motivos preferidos pelas crianças Ha vantagens em conhecer-se os motivos que as crianças preferem desenhar? Como conseguimos os desenhos espontaneos. A exuberancia gráfica dos desenhadores. Os nossos resultados. Os bonecos e as casas são os motivos mais freqüentemente desenhados. Máximos e mínimos de freqüência. Outras conclusões. Aspectos do desenho ainda pouco estudados. 103
- CAPITULO X — Como as crianças desenham os bonecos. Características do desenho representando a figura humana. A preocupação do detalhe. As diferentes partes do corpo. A inserção dos braços. A representação total. Onde são situados os bonecos. A transparência. Desproporção e desorientação. A atitude rígida dos bonecos 119

	Pág.
CAPITULO XI — A representação da figura de perfil. A predominância dos desenhos de face nas primeiras idades e a necessidade de representar todos os elementos de "modelo interno". A evolução lenta para o perfil: bonecos de face com pés para os dois lados, bonecos de face com pés para um lado, bonecos completamente de perfil. Os perfis indecisos	135
CAPITULO XII — Os desenhadores de casas. Motivos mais freqüentes depois dos bonecos. Como as crianças rabiscam as casas. Garatuja, fachadas sem janelas e com janelas. A noção de perspectiva. A representação do espaço em que se acham as casas. Portas e janelas. O interesse pelo detalhe	145
CAPITULO XIII — A fase da garatuja A universalidade das características do desenho infantil. Como evoluem os caracteres através das idades. O que é a garatuja. A garatuja como um brinquedo. Dois momentos: a garatuja pre-intencional e a garatuja intencional. Para Burt a garatuja compreende quatro etapas. A disciplina dos traços: fase da tendência para a forma. Confusão dos autores — Kerschensteiner, Meuman, Vermeylen, Luquet, Burt.	157
CAPITULO XIV — O simbolismo do desenho infantil. Precisam-se os contornos do desenho infantil. Relêvo dado ao aspecto essencial da coisa a desenhar: a fase do girino. O esquematismo ou simbolismo. Caracteres dos esquemas infantis, segundo Rasmussen. Pobreza de representações visuais. Esquemas gráficos e esquemas verbais	179
CAPITULO XV — O realismo no desenho infantil. O apogeu do desenho infantil: o realismo lógico. A criança tem uma logica especial. O principio do realismo lógico e a variedade dos processos gráficos. A lenta evolução para o realismo visual. O desenho passa a ser descritivo e subordinado ás leis de perspectiva. A fase da regressão por altura da adolescência. O aparecimento da auto-critica	193
Bibliografia	211

FIM